OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-17, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 1980-864X | ISSN-L: 0101-4064

http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2024.1.45793

DOSSIÊ – COLETIVIDADES INDÍGENAS, AFRODESCENDENTES E CAMPONESAS EM MOVIMENTO: FORMAS DE GOVERNO E CONTEXTOS EXTRATIVISTAS NAS AMÉRICAS, DO NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO AOS MODELOS NEOLIBERAIS DE GOVERNANÇA

Cultivando e cristalizando resistências: práticas alimentares e de saúde nas literaturas e nos escritos indígenas Guarani e quilombolas

Cultivating and crystallizing resistance: food and health practices in Guarani indigenous and quilombola literatures and writings

Cultivar y cristalizar la resistencia: prácticas alimentarias y de salud en las literaturas y escritos indígenas Guaraníes y quilombolas

Alessandra Tereza Mansur Silva[1]
orcid.org/0000-0002-9274-8723
alessandra-mansur@hotmail.com

Roberta Barros Meira[2]
orcid.org/0000-0001-7739-216X
rbmeira@gmail.com

Recebido em: 29 fev. 2024.
Aprovado em: 30 ago. 2024.
Publicado em: 29 nov. 2024.

Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo: As literaturas e os escritos indígenas e quilombolas podem ser pensados como fontes documentais que expressam o cotidiano de suas comunidades. Antônio Cândido (1982, 2006) em *Literatura e sociedade* e *Os parceiros do rio Bonito* nos sensibiliza para a importância das práticas alimentares e dos modos de vida que emergem de coletividades afrodescendentes, camponesas, indígenas e ribeirinhas. O objetivo deste artigo é discutir a resistência realizada pelas ações de proteção da diversidade das sementes do milho e das abelhas inscritas no patrimônio alimentar dessas comunidades com base nos registros dos saberes e dos modos de vida do povo Guarani e de povos quilombolas, diante dos impactos causados pelo uso indiscriminado de agrotóxicos e de sementes transgênicas. Busca-se, neste texto, uma abordagem que analise os saberes tradicionais pelo viés da história ambiental e da história da alimentação. As fontes indígenas e quilombolas analisadas foram: *O presente de Jaxy Jaterê*; *Oremba'e Eí Yma Guare (O mel do passado)*; *Modos de viver Guarani e o cultivo de sementes crioulas*; e *A terra dá, a terra quer*.

Palavras-chave: saberes indígenas e quilombolas; história ambiental; patrimônio alimentar; sementes de milho sagradas; abelhas-sem-ferrão.

Abstract: Indigenous and *quilombola* literature and writings can be thought of as documentary sources that express the daily lives of their communities. Antônio Cândido (1982, 2006) in *Literatura e sociedade* and *Os parceiros do rio Bonito* sensitizes us to the importance of food practices and ways of life that emerge from Afro-descendant, peasant, indigenous, and riverside communities. The objective of the article was to discuss the resistance carried out by actions to protect the diversity of corn seeds and bees included in the food heritage of these communities, based on records of the knowledge and ways of life of the Guarani and *quilombola* peoples, facing the impacts caused by the indiscriminate use of pesticides and transgenic seeds. This text seeks an approach that analyzes traditional knowledge from the perspective of environmental history and food history. The indigenous and quilombola sources analyzed were: *O presente de Jaxy Jaterê*; *Oremba'e Eí Yma Guare (O mel do passado)*; *Modos de viver Guarani e o cultivo de sementes crioulas*; e *A terra dá, a terra quer*.

Keywords: Indigenous and *Quilombola* Knowledge; Environmental History; Food Heritage; Sacred Corn Seeds; Stingless Bees.

Resumen: Las literaturas y los escritos indígenas y quilombolas pueden considerarse fuentes documentales que expresan la vida cotidiana de sus comunidades.

[1] Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador, Bahia, Brasil.
[2] Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil.

Antônio Cândido (1982, 2006) en *Literatura e sociedade* y *Os parceiros do rio Bonito* sensibiliza sobre la importancia de las prácticas alimentarias y modos de vida que emergen de las comunidades afrodescendientes, campesinas, indígenas y ribereñas. El objetivo del artículo es discutir las resistências que llevan a cabo las acciones de protección de la diversidad de semillas de maíz y abejas incluidas en el patrimonio alimentario de esas comunidades, con base en los registros de los conocimientos y formas de vida del pueblos Guaraní y quilombolas, ante los impactos causados por el uso indiscriminado de pesticidas y semillas transgénicas. Este texto busca un enfoque que analice los conocimientos tradicionales desde la perspectiva de la historia ambiental y la historia de la alimentación. Las fuentes indígenas y quilombolas analizadas fueron: *O presente de Jaxy Jaterê*; *Oremba'e Eí Yma Guare (O mel do passado)*; *Modos de viver Guarani e o cultivo de sementes crioulas*; e *A terra dá, a terra quer*.

Palabras clave: conocimientos indígenas y quilombolas; historia ambiental; patrimonio alimentario; semillas sagradas de maíz; abejas sin aguijón.

Introdução

A proposta do artigo é discutir, com base nos escritos e nas literaturas indígenas contemporâneas do povo Guarani e das mestras e dos mestres de populações remanescentes do Quilombo Saco Curtume, a diversidade das sementes sagradas do milho e das abelhas-sem-ferrão inscritas no patrimônio alimentar e ambiental dessas comunidades.

Antônio Bispo dos Santos, quilombola, lavrador, pescador, conhecido como Nêgo Bispo, formou-se com os saberes de mestras e mestres do Quilombo Saco Curtume[3], no município de São João do Piauí (PI). Ancorado na cosmovisão dos povos contracolonizadores[4] e com atuação política nos movimentos de luta pela terra, ele conta em sua obra *A terra dá, a terra quer* como é possível, de acordo com perspectivas relacionais, de práticas coletivas de roças, de confluências e compartilhamento de saberes, viver "outramente" (Bispo dos Santos, 2023a).

Contra o "desenvolvimento", Nêgo Bispo faz uma alerta para a perda dos vínculos com os territórios. Nesse sentido, alerta: "Quando se introduz o desenvolvimento em espaços onde o povo vive do envolvimento, quando modos de vida são atacados, quando o envolvimento é atrofiado, invisibilizado e enfraquecido" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 97), os jovens perdem o imaginário. Ao relembrar o modo de vida de Chapada Grande, região onde nasceu, no Piauí, ele destaca que a maioria das famílias afroconfluentes[5] praticava a agricultura. Relata que a comunidade era regida pelos saberes ancestrais e pelas orientações do cosmos. Na roça, plantavam vários tipos de semente juntamente, como milho, mandioca, feijão e algodão, porque sabiam que, se houvesse um só tipo de plantio, as plantas nativas não brotariam e haveria a necessidade de jogar veneno. Outra questão considerada pela comunidade de Chapada Grande era o plantio de ciclos diversos. "Plantávamos uma mandioca com ciclo de seis meses, mas também plantávamos a mandioca com ciclo de dois anos" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 92).

Tudo começou a mudar, porém, quando na década de 1970[6] as novas formas de se relacionar com a terra e com natureza defendidas pelas ciências agrárias chegaram à comunidade. Os técnicos foram ensinando a plantar apenas espécies de ciclo curto, para que a colheita

---

[3] O Quilombo Saco Curtume foi certificado pela Fundação Cultural Palmares sob o Processo de n. 01420.000786/2009-23 e Portaria n. 43/2009. Conforme o art. 2º do Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003, "consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, [...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida" (FCP, 2024). As comunidades remanescentes de quilombos compostas por agricultores, extrativistas, lavradores, pescadores e seringueiros mantêm suas tradições, resistindo muitas vezes a condições de vida hostis. Em algumas regiões do Brasil, autodefinem-se: terras de preto, terras de santo, comunidade negra rural; ou, ainda, pelo nome da própria comunidade, como: Gorutubanos, Kalunga, Negros do Riacho, entre outras.

[4] Nêgo Bispo, falecido em 2023, esclarece que os povos quilombolas e indígenas são contracoloniais, e não decoloniais ou descoloniais, porque sentem que *nunca* foram colonizados. Ou seja, resistem à colonização há mais de 500 anos (Instituto Elos, 2023).

[5] "O nosso povo foi trazido de África para cá [...] a surpresa para os colonialistas e a felicidade para nós é que, quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e no pensamento. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Isso aconteceu durante todo o período histórico colonialista e ainda acontece" (Bispo dos Santos, 2023b, p. 10).

[6] "Na década de 1970, todas as poças d'água tinham peixes. Havia peixes em todo o lugar. [...] Começaram porém a jogar veneno, e os animais silvestres foram morrendo. Joga-se veneno no inseto, ele morre, mas morre também o animal que se alimenta do inseto. Não temos mais peixes nos rios porque jogam veneno nas plantações no período da piracema, durante a reprodução dos peixes" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 85).

ocorresse o mais rápido possível. Finalmente, com a chegada do agronegócio e dos hábitos colonialistas, chegaram os plantadores de soja e eucalipto, e então milhares de hectares foram desmatados. Para Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a), a paisagem afetiva, os saberes e as tecnologias agrícolas transmitidos pela comunidade de uma geração para outra foram progressivamente alterados e perdidos pela imposição das monoculturas do eucalipto e da soja.

> Acabou um modo de vida, o modo de vida do lugar onde nasci. Chapada Grande tinha uma infinidade de plantas, a mata cheia de frutos e animais, uma vida amplamente compartilhada. Essas vidas foram sendo atacadas e destruídas, e os modos que faziam com que a vida acontecesse também deixaram de existir (Bispo dos Santos, 2023a, p. 96).

As paisagens Guarani também sofrem com os impactos do agronegócio. Jerá Poty (Flor Bonita), indígena, agricultora, liderança do povo Guarani-Mbya, mora na aldeia Kalipety[7] (roça de eucalipto) desde que nasceu. Ela conta que tenta trocar o nome da aldeia de "roça de eucalipto" para "roça de batata" (*jetyty*), mas ainda não teve êxito, porque o nome Kalipety continua vivo no imaginário dos moradores mais antigos da comunidade pelas lembranças da paisagem repleta de eucaliptos, quando o território ainda não havia sido demarcado[8].

Jerá Guarani (2022), como é conhecida, atua desde o ano de 2001 para recuperar e fortalecer a soberania e segurança alimentar do seu povo. Em sete anos, conseguiu recuperar mais de nove variedades de sementes de milho e 50 variedades de batata-doce, realizando intercâmbio de sementes com povos indígenas do Brasil e da América Latina. Além das sementes sagradas, as abelhas-sem-ferrão também estão sendo reintroduzidas nos territórios Guarani.

As sementes, assim como as abelhas, são repletas de histórias, memórias, saberes e trocas culturais. O mel produzido pelas abelhas é alimento e medicina sagrada para o povo Guarani. Ele alimenta não só o corpo, mas também o espírito. Destruir essa cultura também é uma forma de enfraquecer o povo e de dominá-lo[9]. A contaminação do milho ameríndio é a perda cultural alimentar mais emblemática (Azevedo, 2022).

Há um enorme esforço por parte desses povos para assegurar a diversidade de sementes de milho, bem como das abelhas produtoras do mel. A diversidade possibilita a soberania e a segurança alimentar ante os impactos da monocultura, das sementes transgênicas e dos agrotóxicos.

A proteção e o cuidado com as sementes nativas, livres de agrotóxicos e de transgênicos, aparecem nas obras do escritor indígena Kamuu Dan[10], do povo Wapichana, como, por exemplo, em *Makunaimã taanii: presente de Makunaimã*. A história tem como temas principais a invasão de sementes transgênicas, que foram levadas para as aldeias pelos *karaiwenau* (não indígenas) com promessas de *melhoria*, e a resistência dos pajés para preservar a biodiversidade e a tradição do seu povo com as sabedorias ancestrais (Wapichana, 2020). Já *Putakaryy Kakykary: o sopro da vida* narra a história das sementes-bebês e de como elas estão ficando doentes, desaparecendo e sendo "transformadas" em outras plantas

---

7 A aldeia Kalipety localiza-se dentro da Terra Indígena Tenondé Porã. Após muita luta e resistência, a comunidade conseguiu a demarcação da terra indígena conforme publicação no *Diário Oficial da União*, Portaria MJ/GAB n. 548, de 5 de maio de 2016. "A portaria declara como de posse permanente, e portanto, de usufruto exclusivo do povo indígena Guarani, a T.I. Tenondé Porã. Localizada nos municípios de Mongaguá, São Bernardo do Campo, São Paulo e São Vicente, estado de São Paulo, a terra possui superfície aproximada de 15.969 hectares e perímetro aproximado de 161 km" (Terras Indígenas no Brasil, 2013). De acordo com o Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena publicado pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) em 19 de abril de 2012 (Terras Indígenas no Brasil, 2013), "é ocupada em caráter permanente pelos Guarani para atividades de agricultura, caça, pesca e coleta, e guarda uma história antiga de ocupação, sedimentada em uma série de relatos orais que indicam também sua importância cosmológica, ecológica e afetiva para os índios da região".

8 Antes da demarcação da terra, cerca de 1.500 Guarani viviam em uma pequena área de 26 hectares, e não havia espaço para a produção agrícola. Somente após a demarcação, no ano de 2016, é que começou o processo de recuperação das terras com o apoio de diversos programas e instituições.

9 Nêgo Bispo descreve as etapas que o colonizador utiliza para o apagamento de identidades afro-indígenas: desterritorializar; invisibilizar identidades; apagar cosmologias; forçar o rompimento com o sagrado; impor outro modo de vida; impor nome colonial (Bispo dos Santos, 2023b, p. 12).

10 Ambas as literaturas são bilíngues – língua Wapichana e língua portuguesa –, com tradução de Nilzimara de Souza Silva (Nizuaba).

que não podem gerar sementes para germinar (Wapichana, K. D., 2019). A literatura Wapichana esclarece sobre a importância da tradição dos povos indígenas no armazenamento das melhores sementes e das práticas de troca entre as comunidades, para evitar contaminação. Os saberes e as tecnologias tradicionais ganham destaque na grande relevância dada ao pajé, que, com o gesto de um sopro[11], pode promover a cura e salvar as sementes.

Ao ressaltar as literaturas de coletividades afrodescendentes, camponesas, indígenas e quilombolas como fontes documentais relevantes que expressam o cotidiano dessas comunidades, Antônio Cândido, crítico literário e estudioso de literatura brasileira, não se refere apenas às questões políticas, econômicas ou agronômicas, mas também e principalmente aos modos de vida, conforme explica Nêgo Bispo, ou ainda a *tekoá* ("o modo de ser e estar no mundo"), do povo Guarani. Esses modos de vida só poderão ser compreendidos ao se considerar a estreita relação das suas

> [...] representações religiosas com a vida agrícola, a caça, a pesca e a coleta; e de ambas com a literatura oral [...] magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange [...] o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água e o próprio céu (Cândido, 1982, p. 175).

É preciso pensar o modo de vida e os saberes dos povos tradicionais, por vezes acusados de "atrasados" diante do avanço tecnológico do agronegócio, como formas de resistência. Worster (2003, p. 23) indaga: a tecnologia está "tornando a vida mais perigosa, ao invés de mais segura?" E "quantos seres humanos a biosfera pode suportar sem entrar em colapso sob o impacto da poluição e do consumismo?" Acredita-se que as ferramentas de ação desenvolvidas no decorrer de uma longa história de resistência contra a violência pelos povos tradicionais são cruciais para o sucesso de sociedades mais sustentáveis. Se os impactos ecológicos de uma visão utilitarista da natureza e de uma agricultura muitas vezes predatória aprofundam um cenário marcado pelas crises climáticas, faz-se necessário investir fortemente nas roças indígenas e quilombolas como uma forma de rever o encastelamento nocivo da ciência e de um saber único.

Considera-se a literatura como um instrumento para a interpretação da realidade (Santos, 2008), ou seja, no caso aqui apresentado, uma coleção documental que pode ser pensada e analisada como inventários das tecnologias e saberes indígenas e quilombolas. Nesse sentido, a pesquisa teve como base o fichamento crítico dos livros, mediante a análise qualitativa dos dados. Buscou-se distinguir as formas de plantio, as técnicas de beneficiamento, as relações com a natureza, as práticas alimentares e de saúde. As literaturas que trazem as pequenas lavouras ou roças como objeto principal possibilitam um aprofundamento na história ambiental e na história da alimentação no Brasil, e uma maior explicitação das resistências e dos modos de vida mais sustentáveis defendidos por esses povos.

A soberania e a segurança alimentar das comunidades tradicionais residem justamente nas práticas agrícolas pautadas em conhecimentos ancestrais que respeitam a diversidade cultural, vegetal e animal, ao contrário do conhecimento das sociedades não indígenas que, ao privilegiar as monoculturas, não favorece as práticas de saúde dessas comunidades. A utilização de agrotóxicos em grandes extensões de monoculturas, por exemplo, tem provocado extinção das abelhas-sem-ferrão, abelhas sagradas para o povo Guarani e para a manutenção da vida dessas comunidades.

---

[11] O sopro é uma prática de saúde tanto para os povos indígenas como para os povos quilombolas. Em Manaus, existe o Centro de Medicina Indígena (*Bahserikowi*), um espaço que possibilita alternativas para a cura de doenças, com base em conhecimentos tradicionais indígenas. Os atendimentos são realizados pelos *kumuã* (pajés) das etnias Dessana, Tuyuka e Tukano, povos que habitam a bacia do Rio Uaupés, no Alto Rio Negro, no Amazonas. João Paulo Barreto, indígena do povo Tukano, idealizador do Centro de Medicina Indígena, é doutor em Antropologia. Sua pesquisa "*Kumuã* na *kahtiroti-ukuse*: uma teoria sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Rio Negro" recebeu o prêmio Capes 2022 de melhor tese do ano.

Práticas alimentares e de saúde nas literaturas indígenas Guarani e nos saberes de mestras e mestres do Quilombo Saco Curtume

As práticas alimentares de uma comunidade são marcadores de pertencimento e apresentam-se como um documento, ou como um testemunho que expressa as relações existentes entre o homem e seu meio (Silva; Meira, 2022). As literaturas de Carmézia Emiliano, do povo Macuxi, ou do escritor indígena Cristino, do povo Wapichana, quando descrevem em suas obras as práticas agrícolas que envolvem o processamento da mandioca, são exemplos ilustrativos desses registros. O cultivo das sementes de milho e a proteção das abelhas-sem-ferrão sempre foram práticas em territórios Guarani e quilombolas, no entanto elas vêm perdendo espaço para o sistema agroalimentar hegeplatamônico e predador, de base capitalista e neoliberal, que se instalou com o *plantationceno*[12] (Ferdinand, 2022; Haraway, 2016; Tsing, 2022). A substituição das sementes nativas por sementes transgênicas e o uso indiscriminado de agrotóxicos têm causado impactos sem precedentes na saúde, no meio ambiente e no patrimônio cultural das sociedades indígenas e quilombolas, como podemos observar no audiovisual *Terra Vermelha* (2008) que retrata a escassez de alimentos e os impactos na saúde que o povo Guarani Kaiowá vem sofrendo no Mato Grosso do Sul.

As literaturas indígenas e quilombolas podem ser pensadas como inventários de tecnologias e saberes que, incorporados às práticas agrícolas vigentes nos espaços rurais e urbanos, podem minimizar os impactos ambientais, a insegurança alimentar e os problemas de saúde que se aprofundam nas comunidades ligadas ao agronegócio. Essas práticas sustentáveis de resistência podem ser observadas em diversas literaturas indígenas, como, por exemplo, nas obras de Olívio Jekupé. Nesse sentido, Manuela Carneiro da Cunha (2007, p. 84) destaca a importância, para superar os desafios atuais, de estabelecer "relações equitativas com as populações tradicionais e seus saberes", em oposição aos ideais de "verdade absoluta" impostos pelo conhecimento científico.

É importante ressaltar que são 305 os povos indígenas do Brasil, e uma população de 1,3 milhão de quilombolas; portanto, nomear "literaturas indígenas e quilombolas" em vez de "literatura indígena e literatura quilombola" é de fato intencional, e para chamar a atenção a três questões emergentes. A primeira delas é a diversidade de povos indígenas e quilombolas no Brasil. Essa diversidade étnica e linguística carrega consigo uma pluralidade de cosmologias, modos de ser e habitar o mundo que, portanto, se reflete em *suas literaturas*. A outra questão a considerar é a de que a literatura é percebida pelos povos indígenas e quilombolas de forma ampliada. Ou seja, não é somente no livro que expressam suas narrativas: eles também o fazem pela oralidade, pelo audiovisual, pelos cantos, pelas cestarias, pela iconografia, pelas pinturas corporais, pelos rezos, entre outros. A terceira questão é a de que as literaturas indígenas e quilombolas carregam a voz de uma coletividade. Logo, o escritor não anda só; ele traz consigo e expressa em sua obra a força de um povo ancorado na ancestralidade. Por outro lado, o vocábulo *escrito* é acionado no seu sentido de "trabalho literário, científico" (Houaiss, 2001).

Olívio Jekupé, escritor indígena do povo Guarani, em 2024, completa 40 anos da publicação de seus primeiros poemas. Ele atualmente tem mais de 20 obras publicadas, várias antologias, algumas traduzidas para o italiano. Três de seus livros foram selecionados para a Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique, na Alemanha. Foi um dos precursores do movimento

[12] Entende-se o plantationceno como o momento de grande expansão do "habitar colonial" (Ferdinand, 2022) que propagou em escala global práticas agrícolas e modos de vida baseados na monocultura e no latifúndio, na destruição dos ecossistemas e na perda das biodiversidade, no trabalho escravizado indígena e africano, no uso recorrente da violência. Esse cenário, em seus diferentes períodos até o presente, é marcado por destruição, exploração e legitimação da visão que considera humanos e não humanos como recursos.

literário indígena juntamente com Graça Graúna[13], Eliane Potiguara[14], Ailton Krenak[15], Daniel Cabixi[16], Daniel Munduruku[17], Kaká Werá Jecupé[18], Marcos Terena[19], Umúsin Panlõn e Tolamãn Kenhíri[20], entre outros[21]. Olívio descreve sua obra como "literatura nativa"[22] e nela compartilha com o leitor os modos de ser Guarani (*tekoá*) no cotidiano das aldeias.

As sementes sagradas de milho são as protagonistas. *O presente de Jaxy Jaterê*, de Olívio Jekupé (2017), conta a história de Kerexu, indígena Guarani que ganhou de presente de Jaxy Jaterê[23] as sementes sagradas de *avaxi ete'i* (milho verdadeiro). A edição de 2018 é bilíngue, com tradução de Werá Jeguaka Mirim.

A obra inicia-se com um diálogo à beira do rio entre Kerexu, que está pitando um *petynguá*[24], e sua prima Jaxuká, que carrega um colar de sementes[25]. No diálogo, Kerexu conta que já ouviu muitas vezes os mais velhos falarem sobre a existência de Jaxy Jaterê, espírito de muitos poderes, protetor das florestas e dos animais, e que gostaria de conhecê-lo para fazer um pedido.

No embalar da rede, a conversa estende-se até a chegada das estrelas, e Jaxuká diz que é possível fazer o pedido para Jaxy Jaterê, mas que para isso Kerexu deveria, "[...] à noite, ir à floresta e deixar lá uma garrafa de *ĸaguijy*[26] e um pouco de *pety* de corda, assim ele virá pitar e beber. No dia seguinte bem cedinho, antes do sol nascer, é só ir ao mesmo lugar e fazer um pedido" (Jekupé, 2017, p. 6). Então, Kerexu vai até a floresta e faz o pedido a Jaxy Jaterê: "Eu gosto muito de *avaxi*, só que a terra aqui na aldeia é muito ruim. Já plantei várias vezes, só que não cresceu" (Jekupé, 2017, p. 18). Jaxy Jaterê atende o pedido de Kerexu, conforme a figura 1, e diz: "Não precisa mais se preocupar. Você terá *avaxi* sempre que quiser" (Jekupé, 2017, p. 20).

---

13 Graça Graúna, do povo Potiguara, escritora indígena e crítica literária, é doutora em Teoria Literária e pós-doutora em Educação, Literatura e Direitos Indígenas. Publicou diversos livros, entre eles, *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013).

14 Eliane Potiguara foi a primeira mulher indígena a "publicar poemas, crônicas e jornalismo independente, no final da década de 1970. [...] Publicava 'poemas-pôster' e cartilhas mimeografadas", como *Akajutibiró, terra do índio Potiguara* (1994) e *A terra é a mãe do índio Nhándecy* (1989). Essa cartilha foi distribuída por todo o Brasil de forma gratuita e fazia parte do Programa de Combate ao Racismo, projeto do qual Nelson Mandela participava (Giacomo, 2020). Seu livro *Metade cara, metade máscara* (2010) é essencial para compreender a luta dos povos indígenas. Eliane Potiguara participou da elaboração da Declaração Universal dos Povos Indígenas, da Organização das Nações Unidas (ONU), por seis anos nas sessões em Genebra. Em 2021, recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

15 Um dos mais influentes intelectuais indígenas da atualidade. O primeiro livro autoral de Ailton Krenak foi publicado no Japão em 1998, intitulado *Como um rio, como um pássaro,* traduzido no Brasil em 2023. Depois, ele publicou diversos outros, entre eles *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), com 50 mil cópias vendidas e traduzido para o alemão, o francês, o inglês e o espanhol. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pela Universidade de Brasília (2022) e é membro da Academia Brasileira de Letras (2023). Além disso, o seu discurso foi fundamental para assegurar os artigos 231 e 232 da Constituição Federal (1988).

16 "Daniel Cabixi ficou internacionalmente conhecido quando, em 1979, a ditadura no Brasil lhe negou o visto de saída para ir a III Conferência dos Bispos Latino-Americanos em Puebla, no México, convidado pelo próprio Papa João Paulo II" (Freire, 2017, p. 14). Ele participou também da Eco-92, no Rio de Janeiro, em que escreveu o artigo "As tecnologias dos povos indígenas na preservação do meio ambiente" (1992), para a Conferência Mundial das Nações Unidas.

17 Daniel Munduruku, doutor em Educação com Ênfase em Educação Indígena, pós-doutor em Linguística com Ênfase na Literatura Indígena, é o escritor indígena com mais livros publicados, em torno de 60 títulos. Seu primeiro livro foi *Histórias de* índio (1996). É o idealizador, com Aline Franca, da Livraria Maracá, especializada em literaturas indígenas.

18 Kaká Werá Jecupé publicou mais de 12 livros, entre eles: *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio* (2020) e Oré Awé Roiru'a Ma*: todas as vezes que dissemos adeus* (2002) – considerada a primeira literatura indígena escrita exclusivamente por um indígena sem intermediação de antropólogos. É fundador do Instituto Arapoty, que desenvolve projetos no Brasil e na França com foco na valorização dos saberes tradicionais dos povos originários.

19 Além de ser referência para o movimento literário indígena, Marcos Terena foi o primeiro indígena no Brasil a se tornar piloto de avião profissional.

20 Ambos os autores são do povo Desana, são os primeiros indígenas a publicar literatura indígena no formato livro: *Antes o Mundo não Existia: Mitologia Desana-Kẽhíripõrã Umusï Pãrõkumu* (2019). A publicação contou com a intermediação de Berta Ribeiro, antropóloga.

21 Existem mais de 60 escritores indígenas em todo o território brasileiro (Munduruku, 2019).

22 Idealizador do blogue Literatura Nativa, disponível em: http://oliviojekupe.blogspot.com/. Acesso em: 7 fev. 2024.

23 No Brasil, a lenda do Jaxy Jaterê foi difundida pelos escravos africanos, e a personagem ganhou o nome de Saci-Pererê (Jekupé, 2017, p. 28). Jaxy é o espírito protetor das florestas e dos animais.

24 Objeto sagrado para o povo Guarani, é utilizado para meditação, concentração e comunicação com *Nhe'e* (alma palavra). Trata-se de um elemento fundamental em uma aldeia Guarani, pois por meio dele é possível ter contato com Nhanderu.

25 Os colares, para os povos indígenas, não são simplesmente adornos e/ou artesanatos com fins estéticos; o seu feitio é carregado de simbologias, e eles, assim como as sementes, são repletos de histórias e memórias.

26 Bebida à base de milho.

Figura 1 – *Avaxi Ete'i*, ilustração de Fran Junqueira

Fonte: Jekupé (2017, p. 20).

A fala de Kerexu sobre a situação da qualidade das terras nas aldeias e as dificuldades com o plantio revela o que está ocorrendo hoje com os territórios indígenas. Nesse sentido, torna-se importante esclarecer alguns pontos sobre os territórios Guarani. Originalmente, as aldeias Guarani eram bem grandes, seus territórios eram extensos, e as famílias tinham por hábito morar distantes umas das outras (Jecupé, 2020). No entanto, na contemporaneidade, a maioria das comunidades indígenas Guarani não têm seus territórios demarcados, como é possível observar ao consultar os dados do *site* Povos Indígenas do Brasil (Isa, 2024); e, nos diminutos pedaços de terra em que foram alocadas, as condições para o plantio são muito difíceis. Essa questão é relevante, porque a terra é parte integrante da vida indígena. Dela eles extraem alimento, abrigo, e é no território que reside seu passado. Trata-se do cenário de suas culturas; sem território, o modo de ser e estar no mundo fica comprometido (Junqueira, 1999).

Nesse sentido, o que podemos perceber na literatura de Olívio Jekupé é que há uma sobreposição de memórias afetivas sobre a paisagem tradicional Guarani, com lembranças de territórios extensos e fartos de alimentos, em relação aos territórios atuais, onde dificuldades para o plantio, a caça, a pesca e a própria sobrevivência são ameaças cotidianas. Kerexu evidencia essa problemática quando faz o pedido para Jaxy Jaterê recuperar as sementes de milho, mas não

qualquer milho, e sim o milho que ela guarda nas memórias de infância, que alimenta não só o corpo, mas também o espírito (Jekupé, 2017). Importante ressaltar que as sementes do *avaxi* são de um milho diferente: os grãos são todos coloridos e muito ricos em nutrientes. "Há muito tempo, o povo Guarani tem o costume de comer *avaxi* assado na brasa ou cozido. Por ser muito saboroso, é um dos alimentos mais apreciados pelo povo da aldeia, e o favorito de *Kerexu*" (Jekupé, 2017, p. 20).

Além das dificuldades para plantar, caçar e pescar em diminutos territórios, também coexistem os problemas ambientais, causados por alterações climáticas[27], que estão provocando impactos sem precedentes na preparação do solo, no plantio, na colheita e na produção de alimentos; e o agronegócio, que tem provocado impactos sem precedentes na preparação do solo, no plantio, na colheita e na produção de alimentos. É urgente "desmantelar essa máquina de moer florestas e espécies, e restaurar o sistema alimentar local, saudável e baseados em nutrientes de origem vegetal" (Marques, 2023, p. 112). Esse é um dos maiores desafios do decênio, segundo Marques (2023).

Ancoradas em memórias ancestrais Guarani, as ilustrações de Fran Junqueira (Jekupé, 2017) em *O presente de Jaxy Jaterê* revelam a paisagem da aldeia: repleta de árvores frutíferas, folhas de bananeira, palmeiras, borboletas, cantos de pássaros[28], de galos e de uma diversidade de tucanos. Revelam também a presença da onça, do jacaré e de um rio caudaloso em que crianças Guarani brincam com os peixes, cobras e capivaras. Da paisagem cultural, emerge a arquitetura Guarani, com casas de barro e cobertura de sapé, redes de dormir, camas de bambu, a indumentária indígena, bolsas, colares de sementes, chocalhos, arcos, flechas e os grafismos corporais.

Sobre as práticas alimentares, além das sementes do milho verdadeiro, Kerexu também cita o "virado" no café da manhã, o arroz e feijão, como de costume, e a carne do dia anterior cozida no fogo a lenha. Conta também que utilizam a bodega[29] para comprar fubá e fumo para o *petynguá* (Jekupé, 2017). Releva notar que as memórias das sementes de milho Guarani perpassam toda a literatura, mas também há a presença de alimentos processados, como o arroz, o feijão, o fubá e até o fumo. Vale ressaltar que tradicionalmente o fumo para o *petynguá* é originado da maceração das folhas de tabaco, sem processamento industrial, e as folhas do tabaco, assim como as sementes de *avaxi ete'i*, são sagradas para o povo Guarani e consideradas plantas mestras[30].

A entrada do dinheiro nas comunidades, seja por salários, transferência de renda, aposentadorias ou mercados alimentícios, levanta discussões sobre alimentos ultraprocessados, sequestro de práticas alimentares de povos tradicionais, agrotóxicos[31], monocultura e escassez de alimentos, ou seja, os "produtos alimentícios" têm provocado doenças cardiovasculares, diversos tipos de câncer, diabetes tipo 2 e obesidade.

Publicizada na mídia, a versão de que o Brasil é o celeiro do mundo no que diz respeito à alimentação é um grande equívoco, pois a produção de sementes de milho e soja transgênicos é para abastecer o gado que vai para exportação.

---

[27] O sexto e mais recente relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, 2022), em seu quinto capítulo, aponta diversas evidências sobre a correlação entre mudanças climáticas e produção de alimentos. O desafio é gigantesco e estrutural, uma vez que o modo de vida da sociedade contemporânea é o principal responsável por essas mudanças. Sendo assim, para que esses espaços de vida sejam mantidos, é importante voltar a nossa atenção e a nossa escuta para as práticas de ocupação e modos de vida dos povos indígenas, pois eles têm muito a ensinar (Silva; Meira, 2022).

[28] Muitas literaturas de Olívio Jekupé, como *Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena* (2011), revelam a diversidade e o canto dos pássaros nos territórios Guarani.

[29] Na literatura indígena *A* Cor do Dinheiro da Vovó, do escritor Cristino, do povo Wapichana (2019), obra bilíngue, aparece também a figura da "bodega", do "mercadinho" no interior da aldeia. O escritor conta como essa presença transforma os hábitos alimentares da comunidade: "Vovó gostava de novidades e sempre trocava seu dinheiro por elas [...]. No comércio havia um tipo de beiju, doce torradinho, que derretia na boca. Ele era circular, achatado e cheio de furinhos. Se tornou um dos alimentos preferidos da vovó, porque nem precisava ter dentes para comê-lo" (Wapichana, C., 2019, p. 18).

[30] Ver *Plantas mestras: tabaco e ayahuasca*, de Jeremy Narby e Rafael Chanchari Pizuri (2022).

[31] Consultar *Atlas sobre a geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia*, desenvolvido pela pesquisadora Larissa Bombardi (2017). Larissa está exilada na Bélgica por ter sofrido ameaças no governo 2019-2022, depois da publicação do documento, uma pesquisa inovadora sobre os agrotóxicos no Brasil.

As sementes transgênicas são negociadas na bolsa de valores antes mesmo de serem plantadas. Marques (2023) chama a atenção para esse sistema qualificado inapropriadamente como alimentar, porque "produz *commodities,* vale dizer monoculturas cultivadas em grandes propriedades, voltadas para os mercados globais e controladas por uma complexa cadeia corporativo-financeira" (Marques, 2023, p. 101). Por sua vez, Bombardi (2020) estabelece uma diferença entre mercado alimentício – *commodities* – e o *alimento* propriamente dito. Ou seja, o manejo da abundância vê-se agora diante do manejo da escassez.

Nesse cenário, as práticas de roça coletiva, de benzimento das sementes, de preparação do solo com respeito a outros seres, como pudemos observar em *O Presente de Jaxy Jaterê*, da celebração e da partilha dos alimentos estão ameaçadas. Resistindo a esse sistema destrutivo que se impõe com os tentáculos da monocultura, dos agrotóxicos, das *commodities* e que tem como objetivo excluir os modos de viver "outramente", Jerá Guarani (2023), agricultora indígena, vem realizando com sua comunidade um trabalho cotidiano de recuperação das sementes sagradas.

As sementes sagradas para os povos tradicionais são as sementes que passam de geração em geração, repletas de memórias e histórias, adaptadas ao clima da região, não transgênicas e cultivadas livres de agrotóxicos. Trata-se de todas as formas possíveis de multiplicação dos vegetais. Elas também são conhecidas como sementes Guarani, sementes nativas, sementes crioulas[32] ou sementes da paixão[33]. A literatura indígena bilíngue *Modos de viver Guarani e o cultivo de sementes crioulas* (Guarani, 2020), traduzida e apresentada por Jerá no interior da aldeia Kalipety, Território Indígena Tenondé Porã, conta:

> Agora estamos muito felizes porque temos 10 (dez) aldeias e todas elas têm muito esse trabalho, e objetivo de cada vez mais lutar para ter essa parte muito assegurada assim que é a autonomia da alimentação Guarani, o fortalecimento de ter isso de novo porque a comida Guarani, como esses milhos *para'i, avaxi* é o que de fato vai alimentar o seu corpo, mas também vai alimentar o seu espírito (Guarani, 2020).

Jerá esclarece que a sua comunidade está reaprendendo a lidar com a questão de plantar seu próprio alimento, porque durante muito tempo – antes da demarcação – tinham de dividir espaços muito pequenos com muitas famílias Guarani, e isso impossibilitava os plantios. Desde 2013, tem sido possível recuperar uma variedade de sementes do milho colorido (*avaxi ete'i*), num rico intercâmbio entre parentes Guarani do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, do Paraná e até da Argentina. Dessa forma, conseguiram reconstruir pratos típicos do povo Guarani.

Em *Modos de viver Guarani e o cultivo de sementes crioulas*, Jerá também faz uma crítica às sociedades urbanas, com relação à ausência de conhecimentos básicos dos alimentos, como, por exemplo, a diferença entre a folha da batata-doce e a folha da mandioca. Esses saberes fazem parte do cotidiano indígena, mas nas cidades são apartados das pessoas. Jerá explica que os "alimentos" ou, melhor, os produtos alimentícios das cidades "chegam sempre empacotados, congelados na mesa, na casa das famílias, então ninguém sabe como nasce, como brota" (Guarani, 2020). Por isso, ressalta a importância de ensinar às crianças Guarani a plantar e colher seu próprio alimento. Jerá conta sobre uma roça pequena em que plantou com seus sobrinhos-netos banana, milho, mandioca e cana, e que explicou para as

---

[32] No Rio Grande do Norte, foi implantado o Programa Estadual de Sementes Crioulas. Esse programa tem um significado muito importante para o povo do semiárido, pois rompe com um paradigma histórico de *desenvolvimento*. Os movimentos sociais foram protagonistas na defesa dessa pauta ao trazer experiências práticas, como o Programa Casa de Sementes da Articulação do Semiárido e o Programa de Aquisição de Alimentos. Eles compreendem que a produção de alimentos de qualidade adaptada à cultura alimentar do povo e da população do semiárido passa, necessariamente, por resgatar e valorizar a semente crioula, como sinal de produção de alimentos e da soberania alimentar (Moura; Bezerra; Rozendo, 2023).

[33] Na Paraíba, as sementes locais nativas são chamadas de sementes da paixão. Para preservar essa paixão, muitas famílias na Borborema, e em todo o estado, vêm criando e mantendo bancos de sementes familiares. "As sementes da paixão são símbolos da vida em abundância, heranças deixadas pelos antepassados [...]. Ao semear as sementes da paixão, as famílias agricultoras plantam também sua história, partilham seus conhecimentos e observações [...]. Afirmam a importância desse patrimônio genético e cultural para a garantia da soberania e segurança alimentar" (AS-PTA, 2017).

crianças "o quanto o Guarani precisa lutar para manter esses conhecimentos tão bonitos e que estão ligados com tantas outras coisas, as nossas vidas tradicionais" (Guarani, 2020).

Sobre o plantio, Jerá ensina que o povo Guarani Mbya considera várias questões: o período mais adequado para o plantio – o melhor mês, a melhor lua – e a questão das mãos boas e das mãos não boas. Para isso, é preciso ouvir os mais velhos, porque

> [...] esse trabalho com a roça, as pessoas precisam se descobrir para que tipo de alimento a sua mão é boa, tem gente que nasce com uma mão boa para plantar o milho, outro só para mandioca, outro só para os feijões, e que dificilmente tem pessoas boas para todos os tipos de alimentos, existe, mas é raro (Guarani, 2020).

Por fim, Jerá conta que estão muito felizes na aldeia Kalipety com esse trabalho de recuperação das comidas tradicionais e o quanto o alimento é sagrado e está ligado ao modo de ser Guarani. Em 2023, a aldeia liderada por Jerá completou dez anos e se tornou um exemplo de sustentabilidade, a região se tornou um importante ponto de recuperação de sementes e de áreas degradadas (Terras Indígenas no Brasil, 2024).

As abelhas, assim como as sementes, são sagradas para os povos Guarani e quilombolas. A literatura indígena bilíngue *Oremba'e Eí Yma Guare* (*O Mel do Passado)*, de 2019, com tradução de Werá Mirim Marcio, apresenta já na introdução as ameaças que as abelhas e o povo Guarani vêm sofrendo com os agrotóxicos, com o desmatamento e com a introdução de espécies não nativas em seus territórios. Os impactos têm sido imediatos, ocasionando o desaparecimento das abelhas-sem-ferrão[34] e comprometendo a saúde, as práticas alimentares e os rituais Guarani (Oremba'e [...], 2019). Nesse sentido, a literatura apresenta a resistência que o povo Guarani tem travado para fortalecer o espírito e proteger o meio ambiente, dando continuidade ao reflorestamento, às práticas de roça coletiva, à recuperação e à criação das abelhas-sem-ferrão nativas e à produção das medicinas indígenas, por meio do mel[35].

A paisagem da literatura Oremba'e Eí Yma Guare *(O Mel do Passado)* **é da** Tekoa Ytu, Terra Indígena Jaraguá[36], zona norte de São Paulo (SP). Wera Poty Thiago Henrique e Wera Mirim Marcio[37], importantes lideranças e responsáveis por compartilhar os saberes aprendidos com os mais velhos sobre a reintrodução das abelhas-sem-ferrão na comunidade, ensinam que algumas abelhas-sem-ferrão que estavam em risco de extinção estão sendo reintroduzidas atualmente nas aldeias da Terra Indígena Jaraguá, como, por exemplo, as abelhas mandaçaia (*Eírembyky'raxa*) e uruçu-amarela[38] (*Eiravi'ju*). Essa reintrodução tem sido feita com o apoio da comunidade indígena do Jaraguá, sob a liderança de Wera Poty e Wera Mirim, e dos meliponicultores Tiago Barros dos Santos do povo Tupiniquim, diretor-presidente da Coopyguá, de Aracruz no Espírito Santo, e de

---

[34] "No mundo, há catalogadas cerca de 400 abelhas indígenas sem ferrão, sendo cerca de 300 só no Brasil. Dessas, cinco já estão na lista vermelha do [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis] Ibama de animais em risco de extinção" (Oremba'e [...], 2019).

[35] Montanari e Flandrin (2003), em *História da alimentação*, apontam para a importância das abelhas e do mel descrita em textos bíblicos. A existência das abelhas e, portanto, do mel em determinado território se relacionava imediatamente à Terra Prometida.

[36] A Terra Indígena Jaraguá é a menor terra indígena do Brasil. Atualmente conta com apenas 1,7 hectare de terra homologada, e 532 hectares aguardando homologação. Sua população é de 586 pessoas, divididas em sete aldeias, mas apenas uma no território que foi homologado (Terras Indígenas no Brasil, 2013). Um estudo antropológico da Funai já descreveu a ocupação tradicional, mas até agora a terra não foi homologada. Os Guarani temem que a tese inconstitucional do marco temporal prejudique o reconhecimento. A homologação é fundamental para que os Guarani continuem preservando o bioma Mata Atlântica, onde conseguiram reintroduzir na aldeia nove tipos de abelhas-sem-ferrão. Werá Karaí (*apud* De Olho [...], 2023) destaca: "Nós recuperamos nascentes que estavam secando por conta do plantio de eucalipto dentro do nosso território. Nós protegemos a jaguatirica, nós protegemos o cachorro-do-mato, o guati, o macaco, o porco-espinho, as aves. Eles estão vivos lá nessa grande metrópole, no Pico do Jaraguá. Nosso território garante chuva, nosso território equilibra o ar, porque tem árvores vivas, árvores que conversam, árvores que sonham".

[37] Wera Mirim Marcio relata como iniciou esse trabalho de recuperação das abelhas-sem-ferrão: "Soube que uma empresa no Espírito Santo devastou as matas e extinguiu as abelhas Uruçu-Amarela, por isso as lideranças indígenas fizeram um projeto para reintroduzir as abelhas nos territórios Guarani. Assim conheci o Mestre Jerônimo Vilas-Bôas que me ensinou as técnicas de recuperação das abelhas sem ferrão" (Oremba'e [...], 2019).

[38] Uruçu-amarela em Guarani bem antigo é *Guarika'i*. Os Guarani Xiripá já as conheciam, diz o *Xamõi* Natalício (Oremba'e [...], 2019). Desde antigamente sabiam que essas abelhas eram sem ferrão e que não eram agressivas. Usavam-nas para tudo; nos rituais espirituais, como medicina, com o alimento, e no artesanato com o arco e flecha.

Jerônimo Villa-Bôas.

Wera Poty conta sobre o ritual do batismo do mel (*karaí*), momento no qual as crianças indígenas ganham o nome Guarani. Para o ritual, diz Wera, para fazer a vela, "é importante que a gente mesmo colha a cera, porque você ir comprar a cera no mercado dá para fazer também, mas a coisa de você mesmo vir buscar a cera no enxame, aquele respeito com a abelha é muito mais interessante pra gente" (Oremba'e [...], 2019). Já foi possível fazer a medicina para as crianças do mel das abelhas recuperadas.

As mulheres indígenas também estão presentes na literatura *O mel do passado*. Kunhã Karaí (liderança espiritual), que se chama Jaxuka Mirim, prepara no fogo a medicina, com folhas e mel. Jaxuka diz para as crianças: "**É** assim que começamos a fazer o remédio em nome de *Nhanderu* (Deus) para dar certo" (Oremba'e [...], 2019). Para *karaí* Natalício, *xamõi* em Guarani significa "líder espiritual".

> Todo o conhecimento das abelhas vinha da casa de reza, através dos mais antigos porque os *xamõi Kuery* (líderes espirituais) já tinham essa conexão com as abelhas. Os espíritos antigos, através da *ayvu porã* (palavra sagrada, que não é dessa dimensão), mostravam que do meio do ano para o final o mel se transformava em açúcar. Era nesse período de agosto, setembro a novembro, que o mel se transformava em açúcar. Porque depois de dezembro, o açúcar virava mel. Nesse tempo a gente colhia e fazia a comemoração do alimento, entre o pão e o mel. Então, os líderes espirituais, através da visão sagrada, descobriram que era hora de colher o açúcar, pois o mel já havia se transformado em açúcar. Antigamente, não só os grupos de *xondaro kuery* (guerreiros) iam para a mata. Nós, Guarani, participávamos de grupos, não só de homens, mas que tinham também mulheres e jovens, que nesse tempo de colheita iam para a mata, para desenvolverem essa atividade do mel (Oremba'e [...], 2019).

Nas palavras do *xamõi* Natalício, os saberes sobre as abelhas eram transmitidos pelos anciãos dentro da Opy (casa de reza Guarani). Saberes sobre os tempos: tempo certo em que o mel se transformava em açúcar e vice-versa; tempo certo para a coleta do mel; e tempo certo para os rituais de celebração dos alimentos (Oremba'e [...], 2019). A atividade do mel na mata, que antigamente envolvia não só os guerreiros, mas também as mulheres e os jovens, revela dados sobre as práticas coletivas alimentares nas comunidades indígenas e o trabalho exercido na busca dos alimentos e medicinas, descontruindo assim estereótipos de que os indígenas são preguiçosos e não trabalham. Nesse caso, eles são autossuficientes com relação ao plantio, à coleta e à preparação de seus alimentos, mas não acumulam, não estocam alimentos, não estão interessados na produção em grande escala, diferentemente das sociedades não indígenas. As comunidades indígenas não têm como prática a acumulação e a estocagem de alimentos; elas atuam conforme o princípio da suficiência, e não da eficiência, como esclarece Alberto Acosta (2016) em *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*.

Wera Poty faz conhecer também que soube pelos mais velhos que, quando os Guarani estavam sendo caçados na mata, Nhanderu mostrou onde havia abelhas-sem-ferrão para que eles pudessem se alimentar de mel, ter mais energia para continuar a fuga e também para se curar de doenças, enquanto os portugueses, segundo Wera, ainda não tinham conhecimento desse alimento nem de sua medicina[39] (Oremba'e [...], 2019). Ademais, a tinta das abelhas jataí serve para as pinturas corporais – outros povos utilizam a tinta das plantas do jenipapo ou do urucum.

Outra história narrada por Wera, compartilhada pelos mais velhos, é a de que os Guarani são iguais às abelhas jataí:

> Porque quando elas têm um ninho e acaba nascendo outro ninho próximo, e as abelhas se encontram, uma conta para a outra que tem um ninho, então elas vão visitar o outro ninho [...] e começam transitar uma para enxame da outra, e mesmo se algum dia alguém for lá e destruir aquele enxame, as outras abelhas vão voltar lá e tentar formar outro, porque lá

[39] Sérgio Buarque de Holanda (1994) aponta que o mel era utilizado pelos povos indígenas na alimentação, na medicina e nos atos religiosos. O manejo das colmeias era feito com extrema precaução, mas as técnicas da meliponicultura não foram aprendidas pelos colonos portugueses. Como consequência da exploração desregrada das colmeias, do sistema agrícola baseado na coivara e da destruição florestal, ocorreu um rápido esgotamento da cera e do mel das abelhas nativas em muitas regiões do Brasil já no período colonial.

> é sagrado para elas. Porque o *Yvyrupá* é um só, o território sagrado (Oremba'e [...], 2019).

Ainda sobre a abelha jataí, o *xamõi* (líder espiritual) Karaí Poty ressalta que o mel dela serve para massagear o corpo, a barriga e para fazer xarope no combate a doenças como febre, tosse, inflamação na garganta e bronquite, mas alerta que é preciso ter fé ao tomar o mel (Oremba'e [...], 2019).

Quanto ao cuidado com as abelhas, o *xamõi* diz que é preciso respeitar as caixinhas, os lugares onde elas moram, porque as abelhas são sagradas e precisamos cuidar delas. Ele nos ensina que uma única pessoa da aldeia deve cuidar das abelhas, porque elas reconhecem a pessoa pelo cheiro e assim não vão embora da caixa. No caso da coleta do mel, só deve ser retirado o suficiente para o uso, sem sobrar (Oremba'e [...], 2019). Os modos de vida Guarani, como já vimos anteriormente, são pautados no princípio da suficiência (Acosta, 2016).

Acerca dos modos de vida, Wera Mirim Marcio traz a questão da palavra *cultura*: "A importância na nossa cultura, na verdade o que chama de cultura é a nossa vida, quando a gente fala de tradição a gente fala da nossa vida" (Oremba'e [...], 2019). Religião para eles, ensina Wera (Oremba'e [...], 2019), é o próprio espírito. Eles não separam a dimensão cultural da dimensão religiosa, como fazem os *juruá* (não indígenas). Para os povos indígenas, cultura, religiosidade e modo de ser estão interligados. Para eles, é tudo um mundo só. A abelha faz parte da sua vida, sem as abelhas nativas eles não fazem o ritual sagrado Nhemongaraí[40].

No final da obra *O mel do passado, o xamõi* Natalício fala sobre a importância das abelhas para a natureza, e foi por isso que Nhanderu concedeu conhecimento a elas: elas sabem a florada que devem pegar, o barro que devem coletar para fazer suas colmeias. Tudo vem da sabedoria divina. Ele destaca também a relevância do trabalho de recuperação de abelhas e do milho Guarani que Wera Poty e Wera Mirim trouxeram para as aldeias do Jaraguá; ressalta que antigamente havia fartura, mas depois foi acabando tudo e por isso enfatiza:

> Precisamos fortalecer a agricultura tradicional, como a plantação de milho sagrado. Temos que mostrar tudo isso para os não indígenas. Pois eles não confiam e não acreditam na gente. E por meio do nosso trabalho vamos mostrar o quanto é importante apresentar a nossa identidade (Oremba'e [...], 2019).

Não há separação entre natureza e cultura para as comunidades indígenas e quilombolas. Por isso, Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a), em *A terra dá, a terra quer*, fala sobre *modos de vida*, e não somente de *cultura*. É importante rever as desconexões que o mundo ocidental colonial tem "com os animais, nossos corpos, nossas roças, formas de comer, de construir nossas casas e, sobretudo, de falar e pensar" (Ferdinand, 2023, contracapa). Numa crítica ao *desenvolvimento*, à desterritorialização, à monocultura, à agricultura química e à arquitetura das cidades, que têm disseminado fome, doenças e solidão, em vez do abrigo, do alimento e do compartilhamento, Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a) defende pensar "outramente". Por meio das plantas, dos animais, de práticas coletivas de roças, de danças, de cantigas e do envolvimento, ele afirma que é possível sonhar outros mundos.

São as plantas da caatinga – mandacaru, xiquexique, coroa-de-frade, macambira, unha-de-gato, jurema, caroá – e os pássaros que abrem a literatura quilombola *A terra dá, a terra quer*. Assim como se aprende com os saberes indígenas, as comunidades quilombolas ensinam sobre a importância de ouvir os mais velhos para acessar as memórias e os saberes ancestrais. "Nos primeiros passos da minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir o canto dos pássaros e os chiados da mata" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 10).

Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a) descreve a arquitetura das casas construídas com material local e tecnologias ancestrais. Essas construções

---

[40] O *Nhemongaraí* acontece no Ano-Novo Guarani (*Ara Pyau*). É um dos principais rituais do povo Guarani e envolve cantos, danças, celebração e batismo dos alimentos – abóbora, batata-doce, erva-mate, mel, milho. Diz o *Xeramõi*: "Se a gente não batizar os alimentos, ele faz mal para as pessoas" (Sesc Bertioga, 2022). Na celebração, as crianças recebem o nome Guarani, por meio de Nhanderú.

proporcionavam resfriamento natural ao seu interior. Ele registra, igualmente, as memórias das roças coletivas; a geração-mãe e a geração-vó participavam juntas. Suas memórias de dor aparecem ao relembrar quando aprendeu a adestrar os bois e ali compreendeu:

> Adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de dominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Bispo dos Santos, 2023a, p. 12).

Nesse sentido, Nêgo Bispo reforça a importância da língua e da linguagem, compartilhando a mesma visão dos povos indígenas sobre os processos e as ações de resistência à colonização: é necessário pensar em roça de quilombo, roça indígena, roça de ribeirinho, roça de aldeia, roça de pescador, roça de marisqueiro, roça de quebradeira de coco, em vez de agroecologia. Agricultura quilombola, e não ecologia. "Comemos raízes de macambira e raízes de umbu entre muitas outras, e diziam que éramos selvagens porque comíamos raízes. Hoje mudaram o nome das nossas raízes: chamam de 'plantas alimentícias não convencionais'" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 100).

Processos colonialistas tentam nos enganar, diz Nêgo Bispo, e transformar nossos saberes em mercadorias. Ele continua dizendo que a sua família sempre plantou o que precisava para sobreviver e que a comunidade onde morava era formada por grandes famílias, todas plantavam e dominavam as tecnologias da agricultura (Bispo dos Santos, 2023a), assim como faziam os Guarani na Terra Indígena Tenondé Porã, como nos contou Jerá (Guarani, 2020), e na Terra Indígena Jaraguá, como nos contaram Wera Poty, Wera Mirim e o *Xamõi* Natalício (Oremba'e [...], 2019). O dinheiro não circulava nesses territórios. Jerá Guarani (2020), em *Modos de viver Guarani*, refere que atualmente não compram mais muitos alimentos no mercado, porque conseguem produzir o suficiente na aldeia.

Já nas cidades, é preciso haver compensação financeira para tudo. Davi Kopenawa, liderança indígena do povo Yanomami, conta que teve a mesma sensação quando saiu da floresta e foi para a cidade. Por isso, em seu livro *A queda do céu* (Kopenawa; Albert, 2015), intitulou as pessoas da cidade de "povo da mercadoria". Nas cidades, as relações são de utilidade, e não de necessidade do outro. Os quilombolas, assim como os indígenas, não acumulam coisas, eles plantam e depois coletam o necessário. Por exemplo: "Nós pescamos no rio apenas o necessário porque confiamos no rio, não temos medo do rio, sabemos que o rio vai dar peixe sempre" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 26). Essa fala de Nêgo Bispo aproxima-se dos ensinamentos de Jaxy Jaterê: "Não precisa mais se preocupar. Você terá *avaxi* sempre que quiser" (Jekupé, 2017, p. 20).

A oralidade[41] e os escritos quilombolas, assim como os indígenas, ensinam sobre a pluridiversidade cosmológica. Conforme diz Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a, p. 20): "Temos o Exu, Tranca Rua, Pomba Gira, Maria Padilha". No caso dos indígenas, há os Jaxy Jaterê (povo Guarani), os Xapiri (povo Yanomami), os Yamîys (povo Maxakali), entre muitos outros. Ou seja, eles nunca estão só. Tanto para os quilombolas como para os indígenas, ter uma vida agradável (*bem viver*) é "saber dançar e cantar no batuque, fazer uma comida boa, se emocionar com a cantiga de um pássaro" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 23).

É preciso lembrar que foram as cidades que invadiram os quilombos e as aldeias, e não o contrário. O Brasil é terra indígena, São Paulo é terra indígena, apontam os indígenas. Belo Horizonte é que está no Quilombo Souza, no Quilombo Manzo ou no Quilombo de Luízes, aponta Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a). Os quilombos, assim como as aldeias, continuam resistindo há mais de 500 anos. Muito se preservou dos saberes,

[41] As literaturas indígenas, assim como as quilombolas, trazem a importância da oralidade e da contação de histórias. "No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. [...] Na cidade não se contam histórias, apenas se escreve" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 28).

dos modos de viver, de sentir e de fazer, como mostram as literaturas; mas, em alguns estados do Brasil, tanto em quilombos como em aldeias, muitas práticas foram destruídas pelo Estado.

> Aqui nos quilombos onde está o estado do Piauí, o beiju era uma das comidas mais apreciadas no café da manhã, assim como os bolos de tapioca, mas esses alimentos foram deixando de ser apreciados por conta da subdivulgação, do deboche que os colonialistas faziam ou da intervenção do Estado, por meio dos órgãos sanitários. Moro a cinco quilômetros onde estudam minha neta e meu neto, mas não posso vender as cabras que criamos para merenda escolar porque o município não tem um órgão de vigilância sanitária apropriado para fazer teses e aferir a qualidade do alimento (Bispo dos Santos, 2023a, p. 43).

A fala de Nêgo Bispo é muito interessante e levanta uma questão que vem sendo debatida nas reuniões do Programa Nacional de Alimentação Escolar: para que o cardápio das escolas esteja de acordo com os alimentos disponíveis nas comunidades tradicionais. Dessa forma, foi criada no ano de 2023 a Norma Técnica n. 3[42], a fim de que os agricultores familiares possam fornecer alimentos adequados para as escolas de suas comunidades sem a burocracia impeditiva. Para Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a, p. 45), "A comida alimenta o corpo e alimenta a alma". Por isso os Guarani, como os quilombolas, não confiam em comida vendida; "Comida vendida é perigosa", afirma Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a, p. 72).

Relembrando as memórias de infância, Nêgo Bispo conta que, nas suas caminhadas na roça, quando "[...] passava por um pé de pequi, colhia os pequis e levava para os parentes [...] colhia frutas no caminho para casa, me alimentava, brincava, *passarinhava*, tomava banho de riacho. Minha vida era um paraíso: aquilo não era trabalhar, era viver" (Bispo dos Santos, 2023a, p. 80). Quando o agronegócio chegou, porém, com ele vieram as monoculturas, os venenos, o racismo de outras espécies, extinções em massa, doenças e muita tristeza. Nêgo Bispo, Jerá Guarani e os meliponicultores Wera Poty e Wera Mirim demonstram, a partir de suas memórias afetivas, de suas práticas e vivências comunitárias, como é possível produzir alimentos saudáveis com base na diversidade. Por isso, ao insistir na fartura das roças locais, resistem ao sistema alimentar globalizado das monoculturas que disseminam doenças e produzem escassez.

Considerações finais

As literaturas indígenas e quilombolas expressam os modos de vida do cotidiano de suas comunidades e apresentam outras formas possíveis de viver nos territórios. *O presente de Jaxy Jaterê*, de Olívio Jekupé (2017), aproxima dos espíritos protetores da floresta e dos animais, das sementes sagradas de milho (*avaxi ete'i*) e dos modos de ser Guarani (*tekoa*). *Modos de viver Guarani e o cultivo das sementes crioulas*, protagonizado por Jerá Guarani, traz as experiências de recuperação de uma diversidade de sementes e de espécies de plantas, o que tem assegurado a segurança e a soberania alimentar no Território Indígena Tenondé Porã (Guarani, 2020). Oremba'e Eí Yma Guare *(O mel do passado)* (2019) ensina a importância das abelhas para a produção de alimentos e para a manutenção do modo de ser Guarani, com suas práticas alimentares e de saúde.

Em *A terra dá, a terra quer*, o quilombola Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023a) narra as contradições propostas pelo *desenvolvimento*, que tem triturado e envenenado as outras formas de ser. Por isso, ele faz um apelo para que se

---

[42] O Programa Nacional de Alimentação Escolar, o maior programa da América Latina que promove a segurança alimentar e nutricional e o direito humano à alimentação adequada, contempla o alimento na educação escolar indígena e quilombola. O programa exige que pelo menos 30% dos alimentos venham da agricultura familiar, e a Nota Técnica n. 3/2020, emitida pelo Ministério Público Federal, prevê a possibilidade de as comunidades tradicionais comercializarem sua produção por intermédio de chamadas públicas: "Esta nota técnica tem o escopo de discorrer sobre os serviços de inspeção sanitária incidentes sobre a comercialização e consumo de alimentos produzidos pelos povos e comunidades tradicionais. A interpretação da legislação vigente deve respeitar seus processos tradicionais de produção no que tange à segurança alimentar, inclusive na aquisição de alimentação escolar" (MPF, 2020). Essa prática teve início com a articulação da Comissão de Alimentos Tradicionais dos Povos da Amazônia. Desde 2019, diversos municípios do estado do Amazonas têm realizado chamadas públicas e entrega de alimentos das próprias comunidades em escolas indígenas e quilombolas. Para expandir essa prática para todo o Brasil, é necessária a criação de comissões locais em cada região para garantia dos alimentos tradicionais às populações indígenas e quilombolas (Silva; Meira, 2023).

escutem outras histórias, para que se acessem outras memórias, outros tempos: o tempo da Lua, do Vento, do Sol, do Rio, das Estrelas. Acessar tecnologias ancestrais que contem sobre a diversidade cosmológica, a diversidade agrícola, a diversidade linguística, a diversidade dos bichos, a diversidade das plantas. Por isso, para resistir e continuar existindo: roça de quilombo, roça indígena, roça ribeirinha, roça de quebradeira de coco, roça de marisqueiro, roça de pescador.

As formas de cultivo propagadas pela monocultura e as práticas de extrativismo predatórias reforçam a imagem de que os seres humanos devem orquestrar seus modos de vida em função do progresso econômico. Ou seja, os seres humanos, ao habitar um território e compartilhar o Planeta com outras espécies, fazem parte da natureza (Haraway, 2022). Caberia, como forma de avançar nos processos de resistência, para o fortalecimento de sociedades mais sustentáveis, propagar, salvaguardar e mobilizar forças em prol de políticas públicas que valorizem o conhecimento desenvolvido pelos povos tradicionais. A violência e as tentativas de apagamento dos saberes indígenas e quilombolas têm resultado em sociedades mais pobres, ou, melhor, em "um mundo a desflorir", nas palavras do literato moçambicano Mia Couto (2015, p. 82).

Referências

ACOSTA, Alberto. *O bem viver:* uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2016.

AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA (AS-PTA). *Sementes da Paixão:* catálogo das sementes crioulas de Borborema. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://aspta.org.br/2017/03/20/sementes-da-paixao-catalogo-das-sementes-crioulas-da-borborema/. Acesso em: 5 fev. 2024.

AZEVEDO, Elaine. Colonialidade alimentar. *In*: AZEVEDO, Elaine. *Da fome à fome:* diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022. p. 309-316.

BARRETO, João P. Kumuã *na* kahtiroti-ukuse*: uma teoria sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Rio Negro*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8289/5/Tese_Jo%c3%a30%20Paulo_PPGAS.pdf. Acesso em: 5 fev. 2024.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023a.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da Terra. *In*: CARNEVALLI, Felipe *et al.* (org.). *Terra:* antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu; Belo Horizonte: Piseagrama, 2023b. p. 7-17.

BOMBARDI, Larissa. *Atlas sobre a geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia*. São Paulo: Laboratório de Geografia Agrária, 2017. Disponível em: https://ecotoxbrasil.org.br/upload/587ed92192e9dbe77bddffd31cbe25a7-e-book_atlas_agrot_axico_2017_larissa_bombardi.pdf. Acesso em: 8 fev. 2024.

BOMBARDI, Larissa. Vivendo sob o veneno. *Seminário Fruto*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=geC3zVeuq5s. Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília, 1988. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_231.pdf. Acesso em: 7 fev. 2024.

CABIXI, Daniel. *As tecnologias dos povos indígenas na preservação do meio ambiente*. Rio: UERJ, 1992. Mimeografado.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, p. 76-84, 2007.

DE OLHO NOS RURALISTAS. Thiago Guarani, da TI Jaraguá, detalha violência policial durante ato contra Marco Temporal. *De Olho nos Ruralistas*, São Paulo, 2023. Disponível em: https://deolhonosruralistas.com.br/2023/06/26/thiago-guarani-da-ti-jaragua-detalha-violencia-policial-durante-ato-contra-marco-temporal/. Acesso em: 06 fev. 2024.

FERDINAND, Malcom. Contracapa. *In*: BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023. s/p.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial:* pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu, 2022.

FREIRE, José R. B. Daniel Cabixi, o sábio na cova dos leões. 2017. *Revista On-line Racismo Ambiental*, Rio Branco, 2017. Disponível em: https://racismoambiental.net.br/2017/11/19/daniel-cabixi-o-sabio-na-cova-dos-leoes-por-jose-ribamar-bessa-freire/. Acesso em: 5 fev. 2024.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP). *São João do Piauí:* Quilombo Saco Curtume. Brasil. Disponível em: https://www.ipatrimonio.org/sao-joao-do-piaui-quilombo-saco-do-curtume/#!/map=38329. Acesso em: 5 fev. 2024.

GIACOMO, Fred di. Breve história da literatura indígena contemporânea: pioneiros. *Ecoa*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/07/23/breve-historia-da-literatura-indigena-contemporanea-pioneiros.htm. Acesso em: 5 fev. 2024.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

GUARANI, Jerá. Modos de viver Guarani e o cultivo de sementes crioulas. *YouTube*, Brasil, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=57M5L8n2BuQ. Acesso em: 25 out. 2023.

GUARANI, Jerá. Mulheres que abrem caminhos. *YouTube*, Brasil, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U_uwE4cH6xo. Acesso em: 5 fev. 2024.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. *In*: CARNEVALLI, Felipe *et al*. (org.). *Terra:* antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu; Belo Horizonte: Piseagrama, 2023. p. 19-29.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom-Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu, 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO ELOS. Eu não sou decolonial, eu sou contracolonial | Nêgo Bispo no Instituto Elos. *YouTube*, Brasil, 2023. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=2pzGaNTT5wU&list=PLVHxJsRp_lMCjWCk-za_k4HvTNxJXxdLGz&index=2. Acesso em: 25 jan. 2024.

IPCC – PAINEL INTERGOVERNAMENTAL DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. *Relatório nº 6:* Mudanças climáticas. Genebra, 2022. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-ii/. Acesso em: 5 fev. 2024.

ISA. *Povos indígenas no Brasil*. Brasil, 2024. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 5 fev. 2024.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A terra dos mil povos:* história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JECUPÉ, Kaká Werá. Oré Awé Roiru'a Ma*: Todas as vezes que dissemos adeus*. 2. ed. São Paulo: Triom, 2002.

JEKUPÉ, Olívio. *Blog Literatura Nativa*. Disponível em: http://oliviojekupe.blogspot.com/. Acesso em: 5 fev. 2024.

JEKUPÉ, Olívio. *O presente de Jaxy Jaterê.* São Paulo: Panda Books, 2017.

JEKUPÉ, Olívio. *Tekoa:* conhecendo uma aldeia indígena. São Paulo: Global, 2011.

JUNQUEIRA, Carmem. *Antropologia indígena:* uma introdução. História dos povos indígenas no Brasil. São Paulo: Educ, 1999.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu:* palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Como um rio, como um pássaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANA, Firmiano A.; KEHIRI, Toramu; LANA, Luiz G. *Antes o mundo não existia:* mitologia Desana-Kèhíripõrã Umusï Pãrõkumu. 3. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2019.

MARQUES, Luiz. *O decênio decisivo:* propostas para uma política da sobrevivência. São Paulo: Elefante, 2023.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (MPF). *Nota Técnica nº 3/2020/6ªCCR/MPF*. Brasil, 2020. Disponível em: https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2021/02/4Nota-Tecnica-GERAL-3.2020-6CCR-alimentos-tradicionais.pdf. Acesso em: 5 fev. 2024.

MONTANARI, Massimo; FLANDRIN, Jean Louis. *História da alimentação*. 9. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MOURA, Joana T. V.; BEZERRA, Antônia G. C.; ROZENDO, Cimone. Resgatando tradições: articulações entre Estado e sociedade na elaboração do Programa Estadual de Sementes Crioulas do Rio Grande do Norte. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 38, n. 1, jan./abr. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. *Escritores indígenas*. São Paulo: Maracá, 2019. Disponível em: https://www.livrariamaraca.com.br/escritores-indigenas/. Acesso em: maio 2019.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de índio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

NARBY, Jeremy; PIZURI, Rafael C. *Plantas mestras*: tabaco e ayahuasca. Rio de Janeiro: Dantes, 2022.

OREMBA'E EÍ YMA GUARE (O MEL DO PASSADO). *YouTube*, Brasil, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=roBoFIObNsY. Acesso em: 25 out. 2023.

POTIGUARA, Eliane. *A terra é a mãe do índio Nhándecy*. Rio de Janeiro: Grupo Mulher Educação Indígena, 1989. Projeto O Índio Conta a sua História.

POTIGUARA, Eliane. *Akajutibiró, terra do índio Potiguara*. Rio de Janeiro: Grupo Mulher Educação Indígena, 1994.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2010.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. *Examãpaku*, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1466/1060. Acesso em: 16 abr. 2022

SESC BERTIOGA. Diálogo entre dois mundos. *YouTube*, Brasil, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I34ZLScaA_8. Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, Alessandra T. M.; MEIRA, Roberta B. A floresta é a casa, a cozinha e o quintal: as práticas alimentares na literatura indígena de Cristino Wapichana. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 15, n. 28, jan./jun. 2023.

SILVA, Alessandra T. M.; MEIRA, Roberta B. Memórias afetivas do cotidiano indígena: as práticas alimentares e os vínculos com o território na literatura de Carmézia Emiliano Macuxi. *In*: SERRES, Juliane C. P.; COSTA, Luciana de C. N. (org.). *Alimentação, cultura e identidade:* miradas interdisciplinares. São Leopoldo: Oikos, 2022. p. 61-76.

TERRA vermelha. Direção: Marco Bechis. Produção de Classic e Gullane. Itália, Brasil: Paris Filmes, 2008.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. *Aldeia liderada por Jera Guarani completa 10 anos e se torna exemplo de sustentabilidade*. São Paulo: ISA, 2024. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/221833. Acesso em 17. Ago. 2024.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. *Demarcação das Terras Indígenas (T.I.) na Grande São Paulo:* T.I. Jaraguá e T.I. Tenondé Porã. São Paulo: ISA, 2013. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/131595. Acesso em: 5 nov. 2023.

TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo:* sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N1, 2022.

WAPICHANA, Cristino. *A cor do dinheiro da vovó*. Brasília: Edecê Brasil, 2019.

WAPICHANA, Kamuu Dan. *Makunaimã taanii*: presente de Makunaimã. Trad. de Nilzimara de Souza Silva. Brasília: AUA, 2020.

WAPICHANA, Kamuu Dan. *Putakaryy Kakykary*: o sopro da vida. Tradução de Nilzimara de Souza Silva (Nizuaba). São Paulo: Expressão Popular, 2019.

WORSTER, Donald. Transformações da Terra: para uma perspectiva agroecológica na História. *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-44, 2003.

Alessandra Tereza Mansur Silva

Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille, 2023, bolsista Capes), mestre em Saúde e Meio Ambiente (Univille, 2007, bolsista Capes), especialista em Poéticas Contemporâneas no Ensino da Arte-UTP (2004), graduada em Design de Produto (Univille, 2001, bolsista Pibic). Pesquisa na literatura indígena contemporânea a paisagem cultural das comunidades indígenas, com ênfase no patrimônio ambiental e no patrimônio alimentar. Experiência com projetos interdisciplinares na área de arte-educação-ambiental, direitos humanos, meio ambiente, questões étnico-raciais e responsabilidade socioambiental.

Roberta Barros Meira

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense, mestrado e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade e do Departamento de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). Coordena o Grupo de Pesquisa Estudos Sobre Circulação de Saberes, Natureza e Agricultura (CANA). Coordenadora do NEAB-Univille (2021-2022). Vice-coordenadora do GT Patrimônio Cultural da ANPUH-SC. Editora da *Revista História e Economia* e coeditora da *Revista Confluências Culturais*. Integra o grupo de pesquisa Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos, coordenado pelo professor Orlando de Barros (UERJ) e por Thiago Mourelle (Arquivo Nacional). Tem experiência na área de História do Brasil, com estudos no campo do patrimônio ambiental e políticas agrícolas. Integrante da Comissão Institucional do Programa de Bolsas de Iniciação Cientifica do CNPq (Pibic CNPQ da Univille) e da Comissão de Bolsas do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Bolsista de produtividade em pesquisa 2 CNPq.

Endereço para correspondência

ALESSANDRA TEREZA MANSUR SILVA

Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial Norte

Joinville, Santa Catarina, Brasil

ROBERTA BARROS MEIRA

Rua Prudente de Moraes 593, Santo Antonio

Joinville, Santa Catarina, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.